



Evento: XXXIV Seminário de Iniciação Científica

PROBLEMATIZAR PARA DIALOGAR: POSIÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA ESCUTA NA EDUCAÇÃO BÁSICA¹

Julia Rheinheimer dos Santos², Maria Simone Vione Schwengber³

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí; com financiamento da agência CNPq.

² Estudante do curso Psicologia, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PIBIC/CNPq.

³ Professor orientador do projeto Palavras Reivindicadas diante das Violências: o que podem as comunidades pedagógicas?, Prof.^a Dr.^a da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências.

INTRODUÇÃO

A noção de sujeito como Foucault (2001) aborda é sempre de sujeito discursivo, que sofre a determinação das condições culturais e sociais que o constitui, diz sobre o lugar que ocupa, de sua história. As práticas discursivas dão estabilidade e lugar social, mas, o lugar social e cultural marca, impondo sua inscrição num determinado discurso (Foucault, 2001). A noção de sujeito é inseparável de sua constituição discursiva, o sujeito não é dado previamente, mas produzido através de práticas culturais e sociais que o nomeiam, posicionam e regulam.

Estudos como os de Solnit (2017) e Zanello (2016) destacam que as mulheres (enquanto gênero) de um modo geral foram socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar e se posicionar como sujeito inferior, de forma que aceitam a supremacia do masculino sobre o feminino, o controle e posse das mulheres. Essa posse e violência é explícita quando ocorre nos corpos, mas implicitamente a implicação do machismo transcorre também de formas psíquicas e estruturais. A partir dessa internalização do sistema patriarcal ocorre um confronto das próprias mulheres diante dessa inferioridade colocada, como em situações de mulheres que se voltam umas com as outras, movimento que produz a manutenção do patriarcado, incitando o sucesso de mulheres apenas a tarefas atreladas aos ideais patriarcais. Dessa forma, o sistema cultural está implicado em ações independente de quem perpetua: homens, mulheres e crianças, e prejudicando assim, a todos esses também.

As posições de gênero impostas pelo patriarcado produzem formas de posições de gênero que afetam tanto mulheres quanto homens, considerando certas características



adequadas ou não para cada gênero, exaltando algumas enquanto desvaloriza outras. Esse fato, auxilia na construção de preconceitos e violências entre os homens e mulheres. Hooks (2021, p. 55) cita que;

Patriarcado psicológico é a dinâmica entre aquelas qualidades consideradas "masculinas" e "femininas", em que metade de nossas características humanas é exaltada enquanto a outra metade é desvalorizada. Tanto homens quanto mulheres participam desse sistema de valores deturpado. O patriarcado psicológico é uma "dança do desprezo", uma forma perversa de conexão que substitui a verdadeira intimidade por complexas camadas ocultas de dominação e submissão, intriga e manipulação. É o sistema mascarado de relacionamentos que se espalhou pela civilização ocidental geração após geração, deformando ambos os sexos e destruindo a ardente conexão entre eles.

O Patriarcado psicológico citado por Hooks não se refere apenas a leis, instituições ou poder político dos homens, mas a um modo de sentir, pensar e se relacionar que é ensinado desde a infância. Assim, o patriarcado não é só um sistema social externo, mas uma grande força que atua nas nossas crenças, expectativas, afetos, modos de ser e agir. Em que há controle, competição e inferiorização a aqueles que não se encaixam nos padrões.

O número de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do seguinte trabalho é 93629825.9.0000.5350.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada a partir de rodas de conversa com um grupo misto de alunos na faixa etária de 12 à 14 anos. As rodas de conversa constituem-se como um dispositivo metodológico de natureza qualitativa, fundamentado no diálogo, na escuta sensível e na construção coletiva de sentidos. Caracterizam-se por promover um espaço horizontal de fala, no qual as participantes são convidadas a compartilhar experiências, percepções e significados a partir de suas vivências, favorecendo a produção de reflexões. Do ponto de vista metodológico, as rodas de conversa privilegiam a interação social como fonte de produção de dados; rompem com a lógica hierárquica tradicional entre pesquisadora e participantes; estimulam a expressão da subjetividade e das experiências cotidianas; possibilitam a emergência de conflitos, consensos e dissensos, entre os participantes e favorecem a problematização coletiva. Estes momentos foram realizados durante o período do primeiro semestre de 2026, foram gravadas por áudio, em datas e horários acordadas com os sujeitos que se dispuseram a participar do estudo.



Portanto, para o decorrer deste trabalho vamos analisar a primeira roda de conversa, que teve como temática central “O que nos ensinaram e ensinam sobre a posição de ser menino/homem e de ser menina/mulher?” e disparador uma atividade com bonecos. Nesta atividade, os estudantes foram convidados a adicionar características às figuras de dois bonecos, um representando uma menina e outro um menino. Essas características deveriam ser colocadas de acordo com o que eles associam a cada gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão dos resultados da dinâmica realizada na roda de conversa e em consonância com a metodologia caracterizada anteriormente, organizamos um quadro contendo os sujeitos representados e as características utilizadas para construir as posições subjetivas que nos permeiam.

Tabela 01: Organização dos resultados

Menina	Menino
Deve se casar	É chefe no trabalho
Deve ter horário para chegar em casa	Usa violência para resolver conflitos
Deve ser bonito(a)	Trai o parceiro (a)
Brinca de boneca	
Namora com meninos	
Dedicado(a)	
Deve ser fiel	
Responsável pelas tarefas domésticas	

Fonte: Própria do autor. 2026.

Observa-se que a característica “é chefe no trabalho” foi associada aos meninos, revelando a persistência de um imaginário que vincula o masculino às posições de liderança, poder e autoridade. Tal atribuição sugere a presença de discursos que historicamente posicionam os homens como mais aptos para ocupar cargos de prestígio e tomada de decisão. Por outro lado, características como “deve se casar”, “deve ter horário para chegar em casa” e



“deve ser bonita” foram associadas às meninas. Essas escolhas indicam a incidência de mecanismos de regulação sobre os corpos femininos, marcados por expectativas relacionadas ao casamento, à aparência física e ao controle de sua circulação e comportamento. Enquanto os meninos aparecem vinculados ao espaço público e ao exercício do poder, as meninas são posicionadas em torno de exigências relacionadas à vida privada e à adequação a padrões sociais.

As atribuições de “brinca de boneca” e “namora com meninos” também evidenciam a força da heteronormatividade e da divisão tradicional das posições de gênero. Tais respostas demonstram que determinadas práticas afetivas e brincadeiras continuam sendo compreendidas a partir de fronteiras rígidas entre o que é considerado masculino e feminino.

Entendemos assim como Foucault (1988), que o discurso sobre as características biológicas relativas aos homens, mulheres e à heteronormatividade funcionam como um ideal regulatório na sociedade biopolítica e, assim, funciona como norma. Sendo uma prática que produz os corpos que governam e demarcam e diferencia aqueles que controla, deixando viver a população e morrer aqueles que tornam o corpo social doente e degenerado. Dessa maneira, a análise foucaultiana nos permite analisar que os sujeitos se perpassam pelos lugares e papéis que o colocam. Assim, os meninos e meninas em processo de formação se identificam ou não com as falas violentas que querem encaixar os seres com ações que seu gênero é permitido de expressar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características utilizadas para diferenciar as figuras masculinas e femininas permitem compreender as posições de gênero através do olhar de estudantes de 13/14 anos. Diante da análise realizada, evidenciou-se que as posições de gênero são atravessadas por construções sociais que perpassam na sociedade, e estas representam os ideais impostos pela sociedade patriarcal, que violenta e exclui aqueles que saem destas normatividades e padrões. Assim, elas não só nomeiam os sujeitos, mas o produzem discursivamente a partir de categorias e ações que são socialmente e historicamente construídas. E estas construções não são neutras e nem desordenadas, elas antecipam expectativas, regulam condutas e delimitam possibilidades de ação, legitimando práticas de tutela, controle e exclusão. Dessa forma, a



dinâmica desenvolvida na roda de conversa possibilitou visibilizar as posições de gênero que perpassam a sociedade e o cotidiano dos sujeitos, revelando como as estruturas patriarcais e violentas ainda estruturam percepções e estão presentes.

Palavras-chave: Violência. Patriarcado. Gênero. Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Hooks, Bell. **A vontade de mudar: Homens, masculinidades e amor**. 2021. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante.

Hooks, Bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. 2025. Tradução Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.

Hooks, Bell. **Compreendendo o patriarcado**. Blog Ação Transformativa. Angelica Rente, 21 de junho de 2017. (Traduzido do inglês: Understanding Patriarchy. Louisville Anarchist Federation Federation, 2010).

SAFFIOTI, Heleieth Iara B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. THE DICK Cavett Show.

Solnit, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. 2017. (I.M. Lando, Trad.) São Paulo: Cultri.

Zanello, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**. 2016. Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Editora Appris.